

# NAVEGANDO ENTRE DOIS UNIVERSOS: ÁGUAS QUE ESPRAIAM NO POSSÍVEL

Fernanda Maria Macahiba Massagardi<sup>1</sup>

## Vagas em voga

*Mar não tem desenho  
o vento não deixa  
o tamanho[...]*  
Guimarães Rosa

Assim como o mar de Guimarães, não é possível designar ao espírito humano um desenho específico. Entretanto é possível tangenciar possibilidades, aventar contornos, estabelecer e desenhar prováveis percursos.

Dessa forma, no ano de 2015, em uma parceria entre o Colégio Naval de Angra dos Reis e o Grupo de Pesquisa em Educação Estética do CNPq, foi viabilizada a estadia em território militar, durante dois dias, de artistas, arte educadores e pesquisadores do referido grupo. Considerando a possibilidade de intersecção de universos diferentes, esta foi uma vivência de aprendizagens e confluência de saberes.

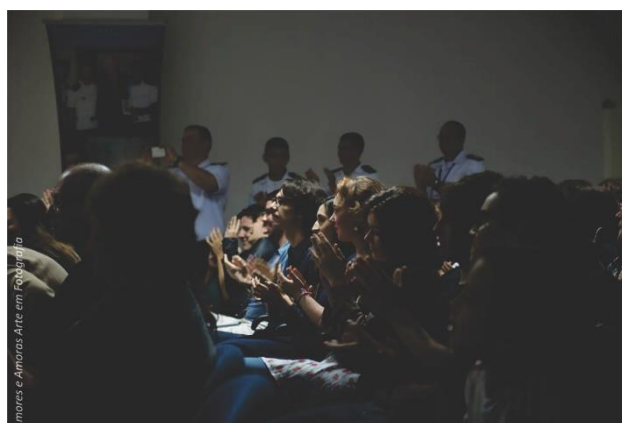


Figura 01: Aplausos para a apresentação de música e dança. Fotografia de Vanderlita Marquetti

Vislumbrando a oportunidade de reunir os universos supracitados no intuito de promover um diálogo artístico/cultural/social, em uma vaga híbrida e rica em experiências, a autora deste artigo, líder do referido grupo, com o apoio do Comandante de Mar-e-Guerra Guilherme da Silva Costa e Suboficial Nelcy de Mello, mediu um encontro, com o objetivo de compor com espetáculos musicais e de dança e obras de gêneros diversos de pintura, o Salão de Arte do Colégio Naval de Angra dos Reis.

## Entre potências e latências: o marulhar de águas

*Alma do Homem, és bem como a água!  
Destino do Homem, és bem como o vento!*  
Goethe

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [nandamacahiba@gmail.com](mailto:nandamacahiba@gmail.com).

A história do Brasil, marcada fortemente por uma ditadura militar no séc. XX deixou, além de cicatrizes e perdas, um forte estereótipo que tem sido parte do cotidiano daqueles que ingressam e se dispõem a seguir carreira nas forças armadas do Brasil. Por outro lado, em um mundo aparentemente díspar do ilustrado anteriormente, estão os artistas, tidos por muitos como gênios ou loucos. Aparências que destoam do lugar comum. Tais assertivas não são provenientes apenas de constatações obtidas em acervos documentais, mas também de uma escuta atenta das falas dos envolvidos nesta proposta.

Entrechoques iniciais geraram um marulhar interessante de águas, possibilitando que latências imiscuíssem em realidades, de onde emergiram em forma de conhecimentos e potências de relações interpessoais e possibilidades de ser.

No ato da inscrição em Campinas, os participantes precisaram assinar um termo de compromisso comprometendo-se a seguir as regras internas do Colégio Naval, que mantém o bom funcionamento de uma estrutura que conta com aproximadamente 800 alunos. Os comentários foram inevitáveis, assim como aqueles surgidos no dia do embarque, quando o ônibus da Marinha do Brasil estacionou defronte ao Instituto de Artes da Unicamp com duas horas de atraso, rompendo com o estereótipo da rigidez militar. Os artistas, ao contrário, estavam todos à espera no horário estipulado. Em 12 horas de viagem e dois dias de estadia, muitas amizades e descobertas surgiram, inclusive semelhanças.



Figura 02: Entrada do refeitório Colégio Naval. Arquivo da autora

Também foi perceptível, à chegada do ônibus nas dependências do Colégio Naval, os semblantes curiosos dos militares ao abrirem os portões para os artistas.

Durante a viagem, que contou com a presença de três militares e 38 artistas e educadores, foram estabelecidos diálogos profícuos e um ambiente de grande companheirismo criado.

### **Espraiar o possível**

*Homem livre, tu sempre gostarás do mar.*  
Charles Baudelaire

Estabelecer rotas pelas correntes contemporâneas não é tarefa simples. Não há medidores exatos e certezas. Navegamos em realidades ubiqüitárias. Hall (2006) aponta como principal característica de nossa época a fragmentação da identidade e as possibilidades de existências em múltiplos espaços. E Morin (2011), em proposta desenvolvida para a UNESCO, chama a atenção para o fato de que é preciso valorizar o local e o global, ensinando a condição humana e planetária e o respeito aos diferentes contextos e vivências.

Considerando as assertivas de Morin, que aventam relações interpessoais de qualidade, faz-se necessário o reconhecimento das diferentes identidades de grupos e uma postura ética diante dos parâmetros percebidos. Vale lembrar que a identidade pode ser uma chave de pertença a um grupo, entretanto, se hierarquizada e tida como superior à outros modelos, pode ser mãe de fundamentalismos.

Assim, durante nossa experiência, que originou curiosidades de conhecer outros universos, a reunião de mundos distintos se deu de forma respeitosa e rica, superando as impressões e estereótipos primevos, que socialmente são inculcados no cotidiano. Relembrando Freire:

A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão. (FREIRE, 1996, p. 31)

O ato de conhecer se dá na aproximação do objeto e olhar crítico e sensível para as vivências. Dessa forma, ao adentrar o ambiente do Colégio Naval, os artistas e educadores puderam fazer parte, momentaneamente, de uma realidade diferente da que estão habituados. Também os militares adequaram seus procedimentos e rotinas para recepção dos convidados. Os artistas e educadores foram hospedados no alojamento do hotel de trânsito e dependências do Colégio e realizaram as refeições nos horários e espaços coletivos juntamente com os militares. Foram momentos de muita alegria e elogios ao *chef*.



Figura 03: Artistas e educadores no refeitório do Colégio Naval. Arquivo da autora

Também algumas normas, como a retirada do quepe e a atitude de deixar que uma mulher adentre as portas antes dos homens, foram parte dos comentários de admiração e recebidos como atos de gentileza.

## Terra à vista!

*São todos maus descobridores,  
os que pensam que não há terra  
quando conseguem ver apenas o mar.*  
Francis Bacon

A arte permite despojar o óbvio e ondular encantamentos pela representação de pontos de vista que surpreendem. Uma das ações do artista é o lugar comum, descobrindo além mar territórios sensíveis que são desnudados pela percepção e transpostos para suportes concretos como uma tela, madeira e tantos outros. O olhar estrangeiro traz outras e novas informações àquelas que são habituais e não notadas pela presença constate no itinerário diário.



Figura 04: Artista criando. Arquivo da autora

Sendo o entorno do Colégio Naval o tema para a criação das obras para o Salão de Artes, foi possibilitado um interstício entre o óbvio e a ressignificação. Pessoas da cidade puderam fruir, como espectadoras, novos cenários e interpretações da localidade a qual pertencem. E os artistas foram mediadores e capitães nessa jornada.

Após um dia de produção, foram apresentadas as obras finais e espetáculos no período da noite, em um evento organizado por alunos e oficiais do Colégio Naval para a comunidade de Angra dos Reis. Também participaram do evento artistas locais.

## A nau que carrega sonhos

*Pus o meu sonho num navio  
e o navio em cima do mar.  
Depois, abri o mar com as mãos,  
para o meu sonho naufragar.  
Minhas mãos ainda estão molhadas  
do azul das ondas entreabertas,  
e a cor que escorre de meus dedos  
colore as areias desertas.*  
Cecília Meireles

Lucidez, consciência e possibilidades de sonhar: elementos que compõem o espírito humano. Composição de amplo alcance, a alma humana não deve se deter ou acatar compartimentações, seja no âmbito do conhecimento como nos espaços destinados ao trânsito e vivências diárias. Restringir os espaços pensantes e do habitar são formas de reduzir pensamentos e capacidade de compreensão.



Figura 05: Apresentação de música e dança. Arquivo da autora

Nossa era contemporânea, que exige especialistas, tem gerado um sem número de equívocos, quando não permite um olhar para outros horizontes. Individualismos, estereótipos, preconceitos são palavras evocadas constantemente para levar a termo alguns dos males de nosso século. Olhar apenas para um ponto específico leva o homem a crer em verdades absolutas e únicas. “Navegar é preciso”, disse o poeta. Este verso pode ser uma metáfora para a própria vida, que não aceita o estanque, o restrito. Ela solicita movimento e fluidez de pensamento. Duarte Júnior preconiza:

Este domínio de campos restritos do conhecimento, peculiar ao mundo moderno, significou, por conseguinte, uma perda não só da abrangência, mas também das qualidades das conclusões obtidas. Conclusões as quais, desarticuladas de uma vida cotidiana e sensível, houveram de perder também todo caráter sensorial e estético (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 167)

No dia seguinte ao do evento, pela manhã, preparando os materiais e malas, os artistas foram abordados pelo Capitão de Mar e Guerra Guilherme da Silva Costa que, em um diálogo sensível e consciente, demonstrou ter ciência do paradigma instaurado em muitos meios, inclusive nos acadêmicos, por acontecimentos passados referentes à ditadura militar. Abordar tal assunto exige um rompimento com o silêncio estabelecido por ambas as partes e foi muito profícuo, na medida em que o referido Capitão apontou que os ingressantes na Marinha, muitos com a mesma idade dos artistas e educadores, também têm sonhos comuns, de uma vida mais digna e de dedicação a uma área que amam.

Ampliar e inter-relacionar universos aparentemente díspares e compartimentados, apontando confluências que são próprias do gênero humano, enfrentando incertezas e estereótipos que geram mal estares, é um ato de coragem e educativo. No diálogo é possível

romper axiomas e renovar ares, sendo a ética a condutora máxima da vivência cotidiana. Adeus às galés e embarque em viagens de descobertas e encantamentos em nosso século XXI.

### **Entrelaçando escotilhas: largar espias em busca de saberes**

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!*  
Eduardo Galeano

A escotilha permite que o olhar avance os limites da embarcação, deslindando novas possibilidades.

A obra de arte, concretizada pelo olhar do artista, amplia horizontes e aponta elementos que permitem o navegar outros mares, aventar possibilidades.

Também os homens que dedicam sua vida ao mar desenvolvem sua poesia, em circunstâncias de ‘Ser’ em enfrentamentos de ordem prática e conhecimento das eventualidades características dos oceanos.

Viver é um ato de reflexão, autoconhecimento e conhecimento do outro.



Figura 06: Apresentação de música e dança. Fotografia de Vanderlita Marquetti

Considerar pontos de vista diferentes é um exercício de cidadania e ampliação de repertório de conhecer e viver. A contribuição plural em entrelaçamentos afetivos e culturais enriquecem o homem em sua jornada da existência.

O alcance da condição humana por excelência, no âmbito da educação planetária, bandeira hasteada por Morin (2011), exige a coragem do largar espias em busca de saberes amplos, num espraiar multidimensional, ou seja, considerando o ser humano (biológico, psíquico, social, afetivo e emocional) em sua totalidade e complexidade.

### **Referências**

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANTON, K. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **A montanha e o videogame**. Campinas: Papirus, 2010.

\_\_\_\_\_. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. São Paulo: L&PM, 2005.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Último acesso em: dezembro de 2015.

MORIN, EDGAR. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.